



UNISUAM

Centro Universitário Augusto Motta

Curso de Licenciatura Plena em Educação Física

Trabalho de Conclusão de Curso

**KORFEBOL COMO PERSPECTIVA DE SOCIALIZAÇÃO ENTRE OS
GÊNEROS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA DO SEGUNDO
SEGMENTO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

por

Millene Barty Silva Fortuna

Rio de Janeiro

2008.1

MILLENE BARTY SILVA FORTUNA

**KORFEBOL COMO PERSPECTIVA DE SOCIALIZAÇÃO ENTRE OS GÊNEROS
NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA DO SEGUNDO SEGMENTO DO ENSINO
FUNDAMENTAL**

Trabalho acadêmico apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em Educação Física da UNISUAM, como parte dos requisitos para obtenção do Título de Licenciado em Educação Física.

Professor-orientador:

M. Sc. Carlos Marcelo de O. Klein

**Rio de Janeiro
2008.1**

Agradecimentos

A Deus, por me dar saúde e força para cumprir mais essa jornada.

Ao meu orientador, Prof. M.Sc. Carlos Marcelo Klein por ter acreditado e auxiliado na elaboração deste artigo.

Ao Prof. Marcelo Soares, pela luta incansável em prol do Korfebol. “Tem que querer!!!”

Aos meus amigos, alicerces da minha vida, pelo incentivo.

Ao meu irmão Paulo Maurício e ao meu amigo Xaud, pela amizade, carinho e apoio de sempre!

Ao meu avô Paulo, pela alegria de conduzir a vida e pela esperança de ter sempre àquela luz no final do túnel...

Ao meu marido Cleber, pela parceria, paciência e apoio incondicional, te amo!

E finalmente, à minha mãe Vera Lúcia Barty, pelo modelo de mulher guerreira, correta, honesta e acima de tudo, modelo de mãe. Sem você, eu nada seria! Te amo!

KORFEBOL COMO PERSPECTIVA DE SOCIALIZAÇÃO ENTRE OS GÊNEROS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA DO SEGUNDO SEGMENTO DO ENSINO FUNDAMENTAL

RESUMO

As questões acerca de gêneros que ocorrem nas aulas de Educação Física Escolar, ainda hoje preocupam os professores, visto que mesmo com o passar do tempo, as meninas ainda são vistas pelos meninos, muitas vezes, com falta de habilidade motora, lentidão ou descoordenação ao realizar exercícios físicos. O que observamos nas questões relacionadas a gêneros, é que a própria sociedade cria esses paradigmas acerca das condições impostas a cada sexo. A escola é o meio social que pode e deve lutar, intervir, explicitar as diferenças que mantêm a mulher em um patamar inferior ao masculino na sociedade. Com isso, é necessário que os professores utilizem as mais variadas ferramentas na busca de minimizar os conflitos existentes e dentre essas ferramentas, sugerimos o Korfebol, desporto que surgiu na Holanda em 1902, inventado por Nico Broekhuyesen, inspirado num jogo sueco denominado Ringball. O objetivo deste estudo é verificar como o Korfebol contribui para minimizar as divergências entre os gêneros e desenvolver o espírito de cooperação e solidariedade entre os alunos. A metodologia utilizada foi de revisão bibliográfica. Concluímos que, além de possuir em sua essência caráter misto, inclusivo, socializador e cooperativo, o Korfebol permite que alunos com as mais variadas diferenças físicas e motoras participem de uma mesma atividade em igualdade de condições, buscando acima de tudo, o respeito mútuo entre os participantes.

Palavras-chave: Educação Física, Korfebol, Gênero, Socialização, Inclusão.

KORFBALL AS PERSPECTIVE OF SOCIALIZATION BETWEEN THE GENDERS IN THE PHYSICAL EDUCATION'S CLASSES OF THE MIDDLE SCHOOL

ABSTRACT

The questions about genders that take place in the Physical Education's classes still preoccupy the teachers, even with passing of the time, the girls are still seen by the boys, very often, lacking motor skills, slowness or without coordination while carrying out physical exercises. What we observe about the questions related to genders, is that the society itself creates these paradigms about the conditions imposed on each sex. The school is the social way that can and must fight, to intervene and to set out the differences that keep the woman in a step behind of the masculine in the society. With that, it is necessary that the teachers use the most varied tools in the search of minimizing the existent conflicts and among these tools, we suggest the Korfball, sport that appeared in Holland in 1902, invented by Nico Broekhuyesen, inspired in a Swedish play called Ringball. The objective of this study is to verify how the Korfball contributes to minimize the divergences between the genders and to develop the spirit of cooperation and solidarity between the pupils. The used methodology was a bibliographical revision. We conclude that, beyond having in his essence a mixing, inclusive, socialization and cooperative character, the Korfball allows that the pupils with the most varied physical and motor differences participate of one same activity in equality of conditions, looking above all, the mutual respect between the participants.

Key words: Physical Education, Korfball, Gender, Socialization, Inclusion.

INTRODUÇÃO

As questões acerca de gêneros que ocorrem nas aulas de Educação Física Escolar, ainda hoje preocupam os professores, visto que embora nas outras disciplinas os alunos formem um grupo homogêneo, nas aulas de Educação Física, mesmo com o passar do tempo, as meninas ainda são vistas pelos meninos, muitas vezes, com falta de habilidade motora, lentidão ou descoordenação ao realizar exercícios físicos. Os professores buscam minimizar esses conflitos utilizando-se das mais variadas atividades e dentre essas atividades estão os desportos, onde infelizmente, na maioria das vezes, ao invés de minimizar esse conflito, acabam por exacerbá-lo, explorando e evidenciando as qualidades físicas, fazendo com que os menos habilidosos e algumas meninas, sintam-se excluídos. O que vemos ainda hoje nas questões relacionadas a gêneros, é que a própria sociedade cria esses paradigmas acerca das condições impostas a cada sexo. Às meninas, é imposta uma condição de delicadeza e cuidados, o que pode resultar em habilidades motoras deficientes – salvo exceções – ao contrário dos meninos, dos quais se espera agilidade, destreza e altivez (SANTOS *et al.*, 2007). Por esse motivo, na maioria das vezes, os meninos julgam as meninas incapazes, sem coordenação e lentas ao realizarem exercícios físicos.

Evidentemente estamos diante de uma questão muito maior do que uma mera ocorrência em aula de educação física. As meninas não se sentem “antas” somente nas aulas, mas também quando realizam atividades físicas nas suas horas

de lazer. Estamos diante de um fator social, pontuado por uma história cultural que delegou às meninas brasileiras a condição de “antas” quando realizam atividades que exigem força, velocidade e destreza (DAÓLIO, 1997, p.80).

De acordo com as abordagens críticas dos Parâmetros Curriculares Nacionais (1998, p.25), a partir da década de 80 passou-se a questionar o caráter alienante da Educação Física na escola, propondo um modelo de superação das contradições e injustiças sociais. Assim, uma Educação Física crítica estaria atrelada às transformações sociais, econômicas e políticas, tendo em vista a superação das desigualdades sociais. Sugere-se que os conteúdos relacionados para as aulas de Educação Física devem propiciar uma melhor leitura da realidade pelos alunos e possibilitar, assim, sua inserção transformadora nessa realidade.

Mediante o quadro apresentado há a necessidade de possibilitar aos alunos, independente de gênero e de sua capacidade e/ou habilidade motora, uma forma de atividade na qual todos possam participar, atendendo à suas necessidades e procurando evitar que os menos favorecidos deixem de praticar uma atividade saudável e prazerosa. Dentre estas atividades, encontramos o Korfebol, esporte que surgiu na Holanda em 1902, inventado por Nico Broekhuyesen, inspirado num jogo sueco denominado Ringball. O Korfebol ainda é pouco conhecido no Brasil. Em sua regra oficial, é obrigatoriamente um esporte misto, e por esse motivo pode ser introduzido no âmbito escolar para ajudar a desmistificar que meninos e meninas, mesmo possuindo habilidades e força diferentes, não possam exercer a mesma atividade juntos.

Sendo assim este estudo tem por finalidade verificar como o Korfebol contribui para minimizar as divergências entre os gêneros e desenvolver o espírito de cooperação e solidariedade entre os alunos.

REVISÃO DE LITERATURA

Na maioria das vezes, entende-se como gênero apenas a diferença sexual, mas gênero, no caráter antropológico, é a forma culturalmente elaborada que essa diferença sexual toma em cada sociedade e que se manifesta nos papéis e status atribuídos a cada sexo e constitutivos da identidade sexual dos indivíduos (FERREIRA, 2008), ou seja, é a sociedade que determina os papéis e valores que essa diferença sexual vai carregar ao longo da vida. Portanto, de acordo com Santos *et al* (2007):

“... as concepções geradas acerca dos gêneros e seus respectivos papéis são de cunho cultural, cabe à própria sociedade extirpar tradições não condizentes para o desenvolvimento humano. Neste caso, a escola – sem ignorar a influência dos pais – deve exercer um papel essencial na construção desses preceitos, visto que é onde a vida social das crianças se concretiza”.

Segundo a psicopedagoga Kátia Regina Pupo (2007), as características sexuais femininas e masculinas são construídas e representadas, ou seja, quando os

alunos chegam à escola, eles já percorreram o caminho social de convivência e incorporação dos valores de sua cultura. Sabem de que gêneros fazem parte e, na maioria das vezes, o que se espera deles.

É perceptível, ainda hoje, a diferenciação de tratamento entre os gêneros. É comum no dia-a-dia nos defrontarmos com situações que sugerem que uma ação ou outra realizada por um aluno ou aluna, não é a que se espera deles. Às meninas é dito: “sente-se direito, isso não são modos de menina”, “ela joga futebol muito bem, parece até um menino”, e aos meninos é dito: “não chore, seja forte, haja como um homem”, “balé é coisa de mulher”. A discriminação vem da base, da convivência familiar, da vida em sociedade. A escola é o meio social que pode e deve lutar, intervir, explicitar as diferenças que mantêm a mulher em um patamar inferior ao masculino na sociedade. À esse respeito Pupo (2007) diz que:

“Promover o debate e o diálogo talvez seja um caminho próspero. É tarefa da escola fazer com que alunos e alunas reflitam sobre seus sentimentos e emoções diante de conflitos interpessoais, desconstruindo preconceitos de gêneros e contribuindo para a construção de novos modelos de relação entre homens e mulheres, pautados em princípios de igualdade e justiça.”

O respeito mútuo, a justiça, a dignidade e a solidariedade podem, portanto, ser exercidos dentro de contextos significativos, estabelecidos em muitos casos de maneira autônoma pelos próprios participantes. E podem, para além de valores éticos tomados como referência de conduta de relacionamento, tornar-se

procedimentos concretos a serem exercidos e cultivados nas práticas da cultura corporal (PCN's, 1998, p.34 - 35).

CONFLITO ENTRE OS GÊNEROS

Segundo Arantes (2007) os conflitos de gênero são fenômenos complexos e, como tal, seu enfrentamento requer o estudo da elaboração subjetiva de uma problemática social em que os sentimentos desempenham uma importante função.

A primeira vista, uma aula de Educação Física para uma turma heterogênea relacionada principalmente a desporto, seria de meninas para um lado e meninos para o outro! Talvez, num primeiro momento, pareça apenas uma forma de organização de uma aula na escola ou ainda uma forma de distribuição de alunos e alunas. Contudo, acredito que essa separação possa ser um 'ponto' de conflito entre os gêneros, o corpo e tantos outros saberes que constituem a Educação Física escolar (DORNELLES, 2006).

Segundo estudo realizado por Helena Altman (1998) *apud* Dornelles (2006), as formas de divisão nas aulas se deve através de quatro focos: gênero, idade, força e habilidade. Essas diferenças construídas cultural e historicamente ainda são, muitas vezes, utilizadas como argumentos na sustentação de práticas, atividades e conteúdos que constituem desigualdades de oportunidades e vivências motoras entre estes grupos nas aulas de Educação Física.

Ao estudar sobre os conflitos e diferenças entre os gêneros, Arantes (2007) demonstra que se faz necessário que o(a)s aluno(a)s desenvolvam sua

capacidade dialógica e autônoma de tomada de decisões, buscando analisar a situação enfrentada, expor o problema de forma clara e buscar soluções que permitam resolvê-las de maneira satisfatória para os envolvidos. É preciso que os estudantes analisem e questionem suas possíveis causas, analisem os sentimentos e os pensamentos de todas as partes envolvidas, criem coletivamente normas e regras que favoreçam a convivência do grupo, percebam que um conflito pode ter diferentes formas de resolução (SASTRE, G & MORENO, M, 2002 *apud* ARANTES, 2007).

Para lutar contra esse conflito nas aulas de Educação Física, é necessário que os professores tomem consciência da força que têm e que procurem trabalhar para promover mudanças.

KORFEBOL - QUE ESPORTE É ESSE?

O Korfebol surgiu na Holanda em 1902, inventado por Nico Broekhuyesen, inspirado num jogo sueco denominado Ringball. Naquela altura, a Associação de Educação Física procurava um esporte que pudesse ser praticado por jovens e adultos de ambos os sexos, buscando com isso incluir as mulheres no mundo dos esportes, o que não era muito comum e nem aceito pela sociedade.

No Brasil, na década de 80, foi descoberto por um grupo de professores de Educação Física que viajaram para a Holanda, em comemoração à formatura, e ficaram encantados com a modalidade na qual jogavam homens e mulheres em

igualdade de condições. Tentaram introduzi-lo no Brasil, mas infelizmente, por falta de apoio e patrocínio, não levaram adiante. Em 1998 o Korfebol ressurgiu através do professor de Educação Física Marcelo Soares, na época estudante de Educação Física, que conheceu a modalidade como um jogo recreativo em suas aulas. A IKF (International Korfball Federation) destacou em 2003 o Professor Soares (presidente da Confederação Brasileira de Korfebol) como difusor da modalidade no Brasil. O Brasil é hoje o 41º país praticante de Korfebol no mundo e o 1º a praticar a modalidade na América do Sul. O professor acima citado iniciou há sete anos um projeto de inserção da prática da modalidade nas aulas de Educação Física escolar e é hoje o grande idealizador, divulgador e representante oficial da modalidade no país.

O Korfebol, à primeira vista, parece uma mistura de basquete e handebol, porém as equipes são constituídas por 8 jogadores: 4 homens (2 à defesa e 2 ao ataque) e 4 mulheres (2 à defesa e 2 ao ataque). As equipes jogam em meia quadra (defesa ou ataque). A equipe que estiver à defesa não pode ir à quadra de ataque e vice-versa. A cada dois pontos na partida, ataque e defesa invertem suas posições (quem estiver atacando vai para a defesa e quem estiver defendendo vai ao ataque). A marcação “é por sexo, o que quer dizer que não é permitido defender um jogador do sexo oposto” (GRANJA *et al.*, 1997, p.14), o que permite o respeito às características fisiológicas de cada sexo.

Vence quem fizer o maior número de cestas, que no Korfebol é de material sintético, não tem tabela e fica a 3,5 metros de altura. Cada cesta vale um ponto. Os jogadores não podem progredir quicando a bola ao chão. Quando o

jogador recebe a bola, o mesmo não pode mais correr, devendo este procurar um companheiro que esteja livre de marcação. Isso faz com que o Korfebol seja um jogo rápido e de cooperação, onde os jogadores precisam trabalhar juntos para conseguir pontuar. Nesse jogo, não existe o jogador individualista que quer resolver “sozinho” a partida, trabalhando assim o espírito de cooperação entre os membros da equipe.

A modalidade pode ser desenvolvida em qualquer terreno plano, sendo este aberto ou fechado. Caso não possua a cesta oficial, pode-se utilizar a cesta de basquete, adaptando algumas situações. Quando o local não tiver cesta de basquete, bambolês ou outros materiais podem ser utilizados. O importante é mostrar aos alunos que a modalidade é mista, não havendo distinção entre os gêneros e que a cooperação é a base do jogo.

Na iniciação ao Korfebol, toda criança participa, independente de sua habilidade, porque sozinho ninguém conseguirá chegar ao objetivo, fazendo com que todos se sintam incluídos na atividade.

KORFEBOL COMO PERSPECTIVA DE SOCIALIZAÇÃO ENTRE OS GÊNEROS

Acredito que a introdução ao Korfebol nas aulas de Educação Física Escolar buscaria não só uma interação maior entre os gêneros, mas também a inclusão dos que se sentem excluídos por julgarem possuir pouca habilidade. A boa

aplicabilidade do Korfebol no âmbito escolar é citada por Cumellas e Gonzalles (2000) *apud* Cahue (2006), ao afirmarem que:

“... es importante aplicarlo em los centros escolares ya que proporciona al profesorado una serie de recursos y estrategias básicas para desarrollar una parte del currículum del área de educación física.”

O caráter misto e coletivo do Korfebol faz com que tanto as mulheres quanto os homens participem em igualdade e pensem em seu papel no jogo. Esse pode ser um assunto abordado durante a aula, e então fazer com que os alunos reflitam sobre as regras do jogo e como o que acontece durante o jogo pode ser levado à vida real. Meninos em situação de igualdade com meninas, todos juntos, cooperando juntos, em busca de um objetivo em comum. Por que não adaptar outros esportes para que os mesmos possam ser praticados por ambos os sexos em condição de igualdade? No Korfebol o jogador não pode “progredir com a bola andando, correndo ou driblando” (GRANJA *et al.*, 1997, p.14); o jogador tem que passar a bola para o companheiro e essa obrigatoriedade faz com que o jogador pense no grupo e não somente em si próprio, como geralmente acontece em esportes coletivos, característica esta, que transforma o Korfebol em um jogo que também chamamos de cooperativo. É importante que o professor não leve para suas aulas somente modelos intocáveis de regras que não possam ser adaptadas, simplesmente reproduzindo o esporte de alto rendimento - o que denominamos esporte “na” escola - fazendo com que alunos com pouca habilidade se sintam excluídos por não conseguirem realizar este ou aquele movimento. As aulas de

desporto e performance não devem ser abolidas da escola, porém é importante existir um horário específico, para que as mesmas possam ser aplicadas somente para os alunos que desejam praticar o esporte de alto rendimento. O esporte “da” escola deve ser praticado por todos, sendo aplicado com regras adaptadas, de caráter lúdico, inclusivo, educativo e cooperativo.

A educação física escolar não é somente um campo de atuação onde o professor deverá ensinar os gestos “corretos” daquele esporte ou daquela dança específica, mas sim a área que vai partir da dinâmica cultural específica de seus alunos no que se refere às questões de corpo, do movimento, dos esportes etc. para ampliá-la, discuti-la, confrontá-la, refutá-la, enfim, tornar o aluno um sujeito emancipado e autônomo nas questões corporais. (DAÓLIO, 2001, p.34).

O Korfebol pode ser aplicado nas aulas de educação física, não só por ser um esporte misto, mas também por ser um esporte inclusivo, que cria oportunidades para os que foram excluídos do vôlei, basquete ou handebol, já que força e tamanho não são essenciais para a sua prática e também como fator contribuinte para um caráter não-violento do jogo. Suas regras e possíveis intervenções poderão contribuir para o processo de aceitação às diferenças, onde o menino deve ter a obrigação de respeitar a menina, enquanto pessoa e enquanto gênero, para que ele e sua equipe possam chegar à vitória, juntos.

CONCLUSÃO

Concluimos que, além de possuir em sua essência, caráter misto, inclusivo, socializador e cooperativo, o Korfebol permite mudanças e adaptações em suas regras, podendo ser praticado em qualquer terreno plano e com a utilização de poucos materiais; sendo assim, uma ferramenta a mais a ser utilizada nas aulas de educação física escolar, facilitando a interação entre os gêneros e fazendo com que o esporte da escola ganhe mais destaque do que o esporte na escola, evidenciando o caráter cooperativo ao competitivo, onde habilidosos e menos habilidosos, altos e baixos, meninos e meninas, ou seja, alunos com as mais variadas diferenças físicas e motoras, participem de uma mesma atividade em igualdade de condições, buscando acima de tudo, o respeito mútuo entre os participantes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ARANTES, V & HAERTEL, B. Gênero, ética e sentimentos: A resolução de conflitos no campo da educação. São Paulo, 2007.

Disponível em <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Etica/16_arantes.pdf>.

Acesso em 09 mar. 2008.

CAHUE, F.L.C. A abordagem do corfebol no âmbito do ensino formal e no treinamento desportivo. Anais do FIESLA, Fórum Internacional de Esporte e Lazer. Rio de Janeiro, 2006.

DAÓLIO, J. A Antropologia Social e a Educação Física: Possibilidades de Encontro. In: CARVALHO, Y.; RUBIO, K. Educação Física e Ciências Humanas. São Paulo, SP: Hucitec, 2001.

DORNELLES, P.G. 'Distintos destinos': problematizando as relações de gênero nas aulas separadas entre meninos e meninas na Educação Física escolar. Anais do VII Seminário Fazendo Gênero. Rio Grande do Sul, PPEdu / UFRGS, 2006.

FERREIRA, A.B. Mini Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa. 6ª edição. Curitiba: Editora Positivo, 2008.

GRANJA, C., RAMOS, J., FERRO, N. Corfebol – Uma introdução à modalidade. Lisboa, Portugal: Eupraxis, 1997.

INTERNATIONAL KORFBALL FEDERATION. The Rules of Korfball. Disponível em <http://www.korfball.org/images/stories/rules/06_Rules_inc_Guidance_Notes_and_signals.pdf>. Acesso em 18 mar. 2008.

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS: Educação Física / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília : MEC / SEF, 1998.

PUPO, K. R. Questão de gênero na escola. Programa Ética e Cidadania – construindo valores na escola e na sociedade, 2007.

Disponível em <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Etica/20_pupo.pdf>. Acesso em 06 mar. 2008.

SANTOS, N. et al. Gêneros e Educação Física escolar: notas gerais sobre a formação cultural no decorrer na história. Revista Digital - Buenos Aires - Año 12 - N° 112 - Septiembre de 2007. Disponível em <<http://www.efdeportes.com/efd112/generos-e-educacao-fisica-escolar.htm>> .

Acesso em 15 abr. 2008